



PERFORMANCE E REDES DE TRABALHO: vozes migrantes brasileiras do Vale do Silício¹

André De Nardi SENNA MORAES ²

Palavras-chave

Comunicação; consumo; trabalho; performance; migração.

A presente pesquisa é desdobrada de uma tese de doutorado em andamento e traz entrevistas em profundidade semiestruturadas motivadas pela seguinte problemática: como migrantes do Brasil com qualificação para trabalhar no Vale do Silício apropriam-se de recursos da performance para fomentar empregabilidade e o senso de pertencimento para viver longe de casa?

Relaciona-se a problemática à perspectiva teórica da performance. Afirmam Amaral e colaboradores (2018), performance designa tanto o fazer quanto o mostrar-se fazendo, um ato e uma exibição de si, um processo que articula corpo, mídia e público como dimensões indissociáveis da experiência da comunicação. A nível de método, analisamos a voz do Outro como elemento norteador da presente pesquisa, conforme Marroni (2017), uma forma de inserir vozes articuladas à problemática de pesquisa em estudos migratórios. Ouvir (ou ler) a voz do Outro migrante, enquanto fenômeno social, significa escutar e produzir sentidos em coautoria com essas vozes, reconhecendo-as como saberes situados e atravessados por estruturas de poder.

Afirma Sayad (1998), a razão de ser migrante está no trabalho, fundamento que autoriza sua permanência e define sua visibilidade na sociabilidade global. O fenômeno da migração de

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 6. Transformações do trabalho: automação, uberização e direitos, do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025

² Doutorando em comunicação e práticas de consumo pelo PPGCOM ESPM-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Deslocar: interculturalidade, cidadania, comunicação e consumo. Bolsista CAPES-Prosop. E-mail: de.sennamoraes@gmail.com



latino americanos para os Estados Unidos se insere num contexto de necessidade por mobilidade das finanças e da informação no capitalismo (Sales, 1999). Em busca de ascensão social, ou sem confiança com as oportunidades de crescimento no país de origem, milhões de brasileiros emigraram para os Estados Unidos desde os últimos quarenta anos (Assis e Neto, 2020). De fato, como bem argumentam Cogo e Badet (2013), a mídia brasileira retrata a imigração qualificada para o trabalho no exterior como um projeto de mobilidade de alto reconhecimento social, no qual notícias atuam como agentes ativos na construção simbólica da experiência migratória, um caminho possível para a classe trabalhadora brasileira com habilidades demandadas por empresas globais.

Plataforma relevante para observar o trabalho qualificado de brasileiros vivendo no exterior é o LinkedIn. Afirmam Srnicek (2017), uma plataforma atende a um modelo de negócio digital que atua como uma infraestrutura intermediária. O LinkedIn intermedia conexões tanto de audiência e anunciantes quanto de prestadores de serviço com empregadores, que competem entre si por vagas de trabalho.

O LinkedIn opera em efeito de rede. Quanto mais usuários acessarem e retornarem à plataforma, maior será a oferta por trabalho. Afirmam Castells (2009), redes se conectam a partir de uma percepção de valor, que sustenta as lógicas de poder da própria rede. O discurso do trabalho é valor para a rede do LinkedIn. Na plataforma, o valor é alcançado nas trocas discursivas por resultados excepcionais, empregos inspiradores e aprendizados valiosos para a carreira.

O Vale do Silício, região do norte da Califórnia, estado dos Estados Unidos, hospeda matrizes das plataformas TIC acessadas no mundo todo, como Instagram, WhatsApp, Uber, Tinder, Pinterest, Zoom, Salesforce, entre outras. Tratam-se de empresas com recursos abundantes de construção de marca empregadora, atraindo profissionais qualificados do mundo todo em busca de uma carreira de referência em tecnologia. Profissionais destas empresas carregam seus títulos de trabalho em seus perfis no LinkedIn. Avaliar a performance das vozes



migrantes brasileiras no Vale do Silício, portanto, nos ajudam a situar uma performance de trabalho dentro das lógicas de poder no capitalismo de plataforma.

Coleta e resultados

A seguir, analisaremos os depoimentos e perfis no LinkedIn de profissionais brasileiros trabalhando no Vale do Silício. Participantes apresentam idades entre 30 e 42 anos, graduados(as) no Brasil. Suas ocupações incluem áreas como design gráfico, engenharia de software, engenharia civil, representação de vendas, artes plásticas e gestão de mídias sociais. As cidades de residência incluem São Francisco, Lafayette, Oakland, Salino e Alameda. As vozes foram transcritas e analisadas norteadas pelos princípios da análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Desta forma, identificamos, organizamos e relatamos padrões (temas) relevantes à problemática da performance.

Será proposto um diálogo das vozes com as contribuições Goffman (2002), que examina recursos de teatralidade apropriados pelos sujeitos para performar identidades diante de diferentes públicos e gerenciar avaliações. Performar identidade, nesse sentido, é um processo relacional e interacional, mais do que uma substância interior a ser desvelada. Gerenciar avaliações, como bem afirmam Amaral e colaboradores (2018), lê as nuances corporais e cênicas dos indivíduos e "se espalha nos inúmeros usos da noção de performance: do campo dos negócios, passando pela política, esportes e tudo aquilo que envolve avaliação da relação expressiva do corpo com alguma competência." (p. 67).

A entrevistada E. se apresenta no palco do LinkedIn como especialista em Power, Renewables & Technology Infrastructure Marketing. Trabalha como gestora de vendas em uma empresa de energia desde fevereiro de 2022, emprego que demorou cerca de dezoito meses para conquistar desde que se mudou para o Vale do Silício. Em entrevistas de emprego, primeiro contato da performance de trabalhadores com empregadores, relata choques culturais. "Se você, no Brasil, fizer uma entrevista dizendo que 'eu fiz isso, eu fiz aquilo', as pessoas veem com uma



forma ruim, porque é uma forma esnobe, sabe? Aqui você não pode falar de time, aqui você tem que falar mesmo de você, o que foi que você fez”.

As dicotomias entre individual e coletivo se tensionam na performance. Goffman (2002) compreende ao trabalho em grupo como uma encenação coordenada para produzir uma impressão coesa ao público. A diferença cultural percebida por E. sugere que, enquanto no Brasil valoriza-se a manutenção da faceta coletiva, o sistema performático de trabalho estadunidense privilegia a distinção individual dentro da cena coletiva. Na voz ouvida, o “eu” torna-se uma exigência performativa, e o sujeito precisa aprender a destacar seu papel singular mesmo quando a atuação ocorre em equipe. E. relata: “foi um ano inteiro para praticar de novo o jeito pra conseguir um emprego aqui, com o apoio de agências de imigração e associações de marketing que me deram dicas de como posicionar o meu currículo”. A conquista de emprego implica num deslocamento nas formas de narrar o próprio valor e tornar-se legível e crível para o novo público organizacional.

L. se apresenta no LinkedIn como Project Manager para empresas de construção civil, constrói sua apresentação pública com ênfase em atributos individuais valorizados no campo da gestão de projetos global, como autonomia, inovação, resiliência e orientação a resultados, além da autorização legal para trabalhar nos Estados Unidos. Relata que precisou criar uma “personalidade nova para trabalhar. Você não consegue ser exatamente a mesma pessoa. Tem que adaptar as roupas, modo de agir, de falar, o que funciona, como que o outro vai receber”, renunciando a certos aspectos da identidade para performar no trabalho. “Mas assim, sempre tentei de forma criativa lidar com as dificuldades deles comigo, que existe por causa de sotaque e outras coisas. [...] Sei que a promoção vai demorar pra chegar pra mim”. A fala de L. evidencia que o sujeito migrante deve recorrer a mais repertórios performático para manter-se em pé de igualdade com a performance da equipe.

A brasilidade performada no ambiente de trabalho do Vale do Silício evidencia falas como o “jeitinho brasileiro” narrado por A., apresentada no LinkedIn como consultora sênior de



capacitação de vendas por conteúdo digital. Ou o “pau pra toda obra” sugerido por D., apresentado no LinkedIn como engenheiro de software sênior para uma empresa de tecnologia para a saúde. Identificamos, por fim, a “síndrome do vira-lata” mencionada por S., apresentado no LinkedIn como diretor de design e tipografia para aplicativos digitais. As vozes citadas apropriam-se de um estereótipo de si para performar a inserção social e reafirmar hierarquias. D. observa que “o brasileiro é criativo, multifuncional”, e que “a energia do brasileiro contagia o ambiente de trabalho”.

A performance é confrontada com renúncias de se expressar a brasilidade na sociabilidade. S. descreve desafios emocionais e culturais para se adaptar em São Francisco “A distância da família... você perde uma rede de apoio que você sempre teve... então, é uma vida um pouco mais solitária”. Resignifica a solidão como oportunidade: “Na verdade, isso também é um ponto bom. Eu consigo ter a minha expressão mais individual, mais eu mesmo, sem ter muitas pessoas entrando na minha vida”. S. relata ansiedade de se afirmar, justificar, construir identidades legíveis: “No começo, principalmente, você tá só querendo contar sua experiência porque está sobrecarregado de coisas novas”. Revela a pressão interna por se fazer ouvir e ser aceito: “eu ia para um bar com cinco americanos, e para conseguir falar, todo mundo tinha que parar, prestar atenção e esperar você terminar. Senão, não tem aquela troca”.

A presente pesquisa evidencia a performance de trabalho de brasileiros(as) no Vale do Silício atravessada por múltiplas camadas, técnicas, discursivas, afetivas e culturais, tensionada por dicotomias de pertencimento e exclusão, reconhecimento e silenciamento, empoderamento e sobrecarga. Tais camadas revelam não apenas a complexidade das estratégias de visibilidade e autoapresentação mobilizadas nos palcos digitais como o LinkedIn, mas também as contradições que sustentam os discursos hegemônicos sobre mobilidade e sucesso profissional. Escutar essas vozes torna-se, assim, um gesto performativo e insurgente diante das estruturas de poder que moldam a diáspora brasileira contemporânea.



Referências

AMARAL, Adriana; POLIVANOV, Beatriz e SOARES, Thiago. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. Revista da Intercom – RBCC, São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr. 2018.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; NETO, Helio Povoan. A emigração: brasileiros no exterior. In: REZNICK, Luis; Neto, Helion (orgs.). História da Imigração no Brasil, volume 2: a migração contemporânea. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 5 out. 2025.

CASTELLS, Manuel. Communication power. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BADET, Maria; COGO, Denise. De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida; BENTO, Sofia (org.). Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros. Braga: CECS, 2013. p. 32-57.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEE, Seo Young. “I’m Thrilled to Announce That...”: Networked Agency in the Self-Presentation of LinkedIn Influencers. Washington, DC: Georgetown University, 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologia). 85p. Georgetown University, 2021. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/handle/10822/1060667>. Acesso em: 5 out. 2025.

MARRONI, María da Gloria. ¿“Dar voz al Otro”? Los métodos biográficos y las narrativas de los migrantes: un debate ejemplar en ciencias sociales. Tla-melaua [online], Puebla, v. 10, n. 41, p. 202–221, out. 2016–mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-69162017000100202. Acesso em: 9 ago. 2025. Acesso em: 5 out. 2025.

SALES, Teresa. Brasileiros longe de casa. São Paulo: Cortez, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SRNICEK, Nick. Platform Capitalism. Cambridge: Polity Press, 2017.